e-cadernos CES

18 | 2012

Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical

Introdução

Lennita Oliveira Ruggi e Rose Barboza

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1506>

DOI: 10.4000/eces.1506

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Lennita Oliveira Ruggi e Rose Barboza, « Introdução », *e-cadernos CES* [Online], 18 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1506> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/eces.1506>

Introdução

Tinha uma negrinha Isolina que sabia ler. Era solicitada para ler as receitas. Eu tinha uma inveja da Lina! E pensava: “Ah! Eu também vou aprender a ler se Deus quiser! Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender”?

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade. Seria aquilo perseguição? Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? Por que é que eles nos odiavam, se os negros eram pobres e não podiam competir com eles e nada? Aquelas críticas eram complexas na mente do negro. [...]

Perguntei à minha mãe:

- Por que é que o mundo é tão confuso?

Respondeu-me.

- O mundo é uma casa que pertence a diversos donos, se um varre, vem o outro e suja-a.

Carolina Maria de Jesus (2007: 50, 60)

Em março de 2014 Carolina Maria de Jesus teria completado 100 anos. A passagem acima, incluída em suas memórias de infância e publicada sob o título *Diário de Bitita*, é nossa homenagem a quem lutou contra o lugar que lhe estava “predestinado”: como mulher, negra, pobre, favelada, catadora de papel, mãe, solteira, escritora, brasileira. A lista de atributos, sempre tão discriminatória para abarcar subjetivamente quem uma pessoa é, abriga tacitamente a surpresa de quem não a conhece pela sua “superação” desse rosário de pretensas impossibilidades. Jesus interrogava o lugar de “predominada”, questionava o porquê de sua estreiteza, refletia sobre ele. E compartilhava suas reflexões. Mesmo quando ainda não tinha certeza sobre suas próprias potencialidades, se seria ou não capaz de aprender a ler, entendia como as desigualdades em saber beneficiavam os “sôtores” de Coimbra em detrimento de si mesma. Sentia-se alvo de um ódio que lhe parecia incompreensível. Um ódio como aquele descrito por Audre Lorde (1984) ao expor as relações interpessoais sob o princípio do racismo.

Carolina Maria de Jesus não se encaixa muito bem na genealogia de ondas do feminismo, que parecem com frequência originar-se de países do Norte para banhar o restante do mundo.¹ Ela nos ajuda a rechaçar a “história única” dos feminismos: versões com início, meio e fim que tornam supérfluas diversidades dissonantes (Adichie, 2009). Depois de muitas tentativas frustradas, publica seus diários em 1960 sob o título *Quarto de despejo* (Jesus, 1993). Ganha projeção internacional e amplia o alcance da sua voz, falando de maneira situada sobre o seu conhecimento do mundo, sem pretensão de elevar seu sofrimento a virtude moral. Jesus não é única, sua mãe era capaz de explicar poeticamente as contradições e desigualdades do mundo, usando a vassoura como ferramenta, sendo que questões sobre o conhecimento são tratadas de maneira profunda e complexa nesses diálogos entre mãe e filha. Jesus é uma de nossas inspirações ao propor um número temático para a revista *e-cadernos ces*,² que tem o objetivo de debater epistemologia sem fazer deste debate símbolo de distinção erudita.

Em primeiro lugar, pelo fato de a palavra epistemologia de certa forma intimidar, visto parecer circunscrita ao mundo acadêmico, quando na verdade é simplesmente uma palavra que utilizamos para descrever o mundo e suas relações. Em segundo lugar, porque parece discriminar o mundo das pessoas “Carolinas”, que não habitam o marfim polido dos “sôtores de Coimbra”, pois têm, uma e outra vez, seu acesso a esse mundo negado. Em terceiro lugar, porque epistemologia é palavra de encher salas de aula e verbetes de dicionário. Finalmente, epistemologia é quase sempre uma grande metanarrativa sobre algo: um conhecimento p(r)onto.

Ora epistemologia não é só uma palavra, é também uma forma de poder, permeada por fatores políticos, ideológicos e contextuais. Nossa pretensão nesse número temático, portanto, é indagar como tal disposição tem possibilidades de nos ajudar a delimitar um conteúdo que não tem nada de exotérico, que vai bem além das diferentes definições de mármore, e que inclusivamente problematiza critérios de saber. E isso porque a discussão desses critérios é central tanto para as práticas feministas como para as rupturas que os feminismos propõem e consolidam em suas mais diversas frentes de luta. Ninguém opera nesse mundo cheio de gente sem algum parâmetro de verdade minimamente estabelecido. Às vezes até mais de um, dependendo do contexto. Esta aporia epistêmica faz tanto mais sentido ao recordarmos a advertência de Lorde: “the master’s tools will never dismantle the master’s house” (1984: 110).

¹ Talvez o mais honesto fosse dizer que a genealogia é que não encaixa Carolina Maria de Jesus.

² Agradecemos em especial a Léa Tosold, que participou dos diálogos iniciais sobre o número temático e foi coautora da proposta, doando seu tempo e disposição a esse movimento aberto que é o fazer feminista.

Para debater tais questões, os artigos reunidos a seguir³ tentam ir ao encontro da crítica radical e mobilizam debates dos mais frutíferos no campo das epistemologias contemporâneas: aqueles elaborados sob auspício dos feminismos. Betta Pesole abre os trabalhos com “The feminist ‘successor science project’ as a transnational epistemological community”. A autora tece um elegante panorama das críticas epistemológicas feministas aos saberes e práticas da ciência, tomando-as como um projeto de ciência. Nos deslocamentos propostos incluem-se superar o pensamento binário que polariza sujeito e objeto, explicitar e politizar o ponto de partida que ancora qualquer projeto de saber científico e sedimentar uma comunidade feminista internacional, com pluralidade suficiente para acolher conflitos e fazer florescer epistemologias ainda mais radicais.

“Resistências e epistemologias feministas: subjetivações emergentes como estéticas do existir”, de Jenniffer Simpson, propõe um diálogo feminista com alguns dos conceitos trabalhados na obra do filósofo francês Michel Foucault: ética, resistência, subjetividade e estética da existência são expostos ao escrutínio das rupturas epistemológicas feministas. O objetivo da autora é, por meio dessa interlocução, recuperar a potencialidade do argumento foucaultiano para a criação de ferramentas metodológicas e epistemológicas que visem tanto desestabilizar discursos amplamente aceitos em relação aos modos de subjetivação e à reivindicação de direitos por mulheres historicamente silenciadas, quanto questionar o tipo de visibilidade almejada por tais coletivos.

O artigo “En transición. La epistemología y filosofía feminista de la ciencia ante los retos de un contexto de crisis multidimensional”, de Lucía del Moral, constrói um percurso teórico a partir da filosofia da ciência capaz de salientar a crise epistemológica contemporânea e explicitar as respostas feministas a esta crise, que aliás contribui para instalar. Tomando como inspiração a assertiva de Harding, segundo a qual “toda a epistemologia feminista é, inerentemente, epistemologia em transição”, del Moral nos leva a refletir sobre as teorias feministas do ponto de vista em sua historicidade, apontando tanto potencialidades quanto limitações. Del Moral lança mão de exemplos contemporâneos e avança ideias promissoras visando contribuir para a construção de novas e necessárias cartografias de saberes.

³ Gostaríamos de reconhecer publicamente o trabalho de autoras e autores cuja produção não foi incluída no número temático, a despeito da qualidade teórica e metodológica, por não explicitarem problemáticas epistemológicas. Identificamos nessas contribuições uma resposta entusiasta à parte “feminista” do convite. Parece que mobilizamos um anseio por espaço de interlocução que não é satisfeito pelo escasso número de revistas e *calls for papers* em português voltados para as escritas feministas, indicando a proliferação de temas variados – igualmente interessantes – mas sem espaço para desabrocharem. Igualmente, gostaríamos de agradecer a todos/as os/as pareceristas que colaboraram e enriqueceram os debates aqui propostos.

Posicionando-se reflexivamente, Thais França descreve, em primeira pessoa, como as experiências de migração e discriminação têm alimentado suas reflexões acadêmicas e o seu ativismo político. “Entre reflexões e práticas: feminismos e militância nos estudos migratórios” é um relato denso sobre as intersecções que permeiam e complexificam o fenômeno da migração. Ao basear seu artigo em uma experiência concreta – sua participação na rede de articulação do Manifesto em repúdio ao preconceito contra as mulheres brasileiras em Portugal – Thais empreende uma das discussões mais caras aos feminismos: o contributo da militância à produção de um conhecimento responsável e transformador.

É também a partir da reflexividade e do tatear de nossa [sua] mudez, que Rita Laura Segato questiona contundentemente os limites de um vocabulário herdeiro da violência colonial: “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial” revisita a experiência da antropóloga para expor criticamente o quanto nossas estratégias semânticas estão impregnadas e impregnam de violência epistêmica nossas práticas. Evidenciando os ocultamentos e os mutismos forçados pelas colonialidades do poder e saber, a autora identifica nos próprios limites do dizível – e no reconhecimento de tais limites – as fronteiras que delineiam um novo vocabulário estratégico e descolonial que, ao mesmo tempo em que constrói ativamente narrativas no mundo, não reduz sua riqueza e diversidade.

O artigo “Talvez eu não esteja em ascensão social, talvez esteja questionando as hierarquias de classe: jovens pobres na universidade e a sobrevivência sob a hierarquia” foi publicado originalmente na coletânea *Feminism for Real: Deconstructing the academic industrial complex of feminism*, editada por Jessica Yee (2011). M. Lee elabora um relato profundo e engajado sobre sua própria experiência na universidade. Oriunda de uma família pobre, Lee reconhece e questiona os padrões classistas embutidos no ensino superior, identificando o “gosto amargo” da opressão que se insinua no aprendizado da segregação social. A autora elabora os conflitos que sua ascensão social ocasionou nas relações familiares, explicitando as dificuldades em articular teoricamente experiências dissonantes e/ou pessoais, na medida em que são classificadas como saberes não legítimos.

O Acordo Queerográfico proposto pelo coletivo homônimo abre a seção @cetera e apresenta uma perspectiva crítica sobre os usos e abusos da linguagem enquanto instrumento de poder e reiteração das normativas de gênero. Dando carne, ossos e vísceras à linguagem, o Acordo Queerográfico põe de manifesto a relação entre dominação e hegemonia, esmiuçando as entranhas gramaticais do poder heteropatriarcal e normativo e as invisibilizações que esse poder opera quando tenta expurgar de si trajetórias e experiências que a binaridade não contempla.

Problematizar posicionamentos de gênero, contrapor os limites da vocalização e esgarçar a linguagem que obstaculiza a identificação são algumas das propostas que nos trazem uma escrita em que o *queer* subverte e ressignifica a intransitividade do masculino universal.

Maria Martínez elabora uma recensão crítica sobre o livro *Nuevos feminismos. Sentidos comunes en la dispersión. Una historia de trayectorias y rupturas en el Estado español*, de Silvia Gil (2011). A leitura cuidadosa de Martínez revela a importância da obra ao enfatizar práticas e propostas feministas na Espanha durante a década de 1990, pouco trabalhadas na literatura até o presente. Na construção coletiva da memória feminista, de importância crucial para os feminismos contemporâneos, Martínez sugere problematizar a categoria “novidade” e questiona a dificuldade de Gil em incorporar à sua pesquisa a situação a partir da qual constrói o conhecimento, como integrante dum coletivo feminista, aproximando-se de questões epistemológicas fundamentais.

Escrito por Léa Tosold e Rose Barboza, “É assim que eu vejo que vê, é assim que você me silencia. Subtextos para releitura(s) no Sul” é um provocativo ensaio sobre as (im)possibilidades de expressão. Construído a partir de subtextos nos quais fragmentos de experiências são ativados para compartilhar indignações, o artigo demonstra como estereótipos e padronizações são sustentados por (e sustentam o) silenciamento das vozes dissonantes. Inspirados por Yuderkis Espiñosa Miñoso, os subtextos flertam com a poesia e exercitam a forma-escrita como espaço de conhecimento aberto, exigindo reconsiderar racismo e misoginia como violências epistemológicas.

Nossa ambição é que o presente número temático acerca das “Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical” participe na iniciativa coletiva de fabricação de ferramentas que não sejam tão somente de marfim.

Lennita Oliveira Ruggi

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil

lennitaruggi@hotmail.com

Rose Barboza

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC), Portugal

rosebs@ces.uc.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adichie, Chimamanda Ngozi (2009), *The Danger of a Single Story*. TEDGlobal Conference 2009. Consultado a 16.03.2014, em http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.
- Jesus, Carolina Maria (2007), *Diário de Bitita*. Sacramento: Editora Bertolucci.
- Jesus, Carolina Maria (1993), *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática.
- Lorde, Audre (1984), *Sister Outsider*. Berkeley: The Crossing Press Feminist Series.
- Yee, Jessica (2011), *Feminism for Real: Deconstructing the Academic Industrial Complex of Feminism*. Ottawa: Canadian Centre for Policy Alternatives.